



Varia Historia

ISSN: 0104-8775

variahis@gmail.com

Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

De Pádua Bosi, Antônio
Corpos feridos, trajetórias interrompidas pela agroindústria brasileira. Duas leituras a
partir de Bertolt Brecht e Upton Sinclair
Varia Historia, vol. 30, núm. 53, mayo-agosto, 2014, pp. 571-592
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=384434845012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^oalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Corpos feridos, trajetórias interrompidas pela agroindústria brasileira

**duas leituras a partir de
*Bertolt Brecht e Upton Sinclair****

***Injured bodies, paths interrupted
by the Brazilian agro-industry***

two interpretation from Bertolt Brecht and Upton Sinclair

ANTÔNIO DE PÁDUA BOSI**

*Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Marechal Cândido Rondon (PR)
Brasil*

RESUMO Este artigo pretende discutir duas questões relacionadas à agroindústria a partir de uma comparação histórica entre as visões de Upton Sinclair e Bertolt Brecht sobre o trabalho nos frigoríficos nos Estados Unidos (1904-1931) e os frigoríficos de aves na atualidade. Tais questões dizem respeito ao processo de acumulação de capital e à degradação do trabalho e dos trabalhadores neste setor.

Palavras-chave frigorífico, Upton Sinclair, Bertolt Brecht

* Artigo recebido em: 24/07/2013. Aprovado em: 02/06/2014.

** Doutor em História pela UFF. Este artigo expõe resultados parciais de projeto em curso, "Trabalho, Trabalhadores e Acumulação de Capital na Agroindústria no Oeste do Paraná (1960-2010)", financiado pelo CNPq por meio de bolsa produtividade em pesquisa. Contato: antonio_bosi@hotmail.com.

ABSTRACT This article discusses two points about agribusiness from a historical comparison between the approach of Upton Sinclair and Bertolt Brecht on labor in slaughterhouses in the United States during 1904 to 1931 and the Brazilians slaughterhouses in nowadays. These questions relate to the process of capital accumulation and degradation of labor and workers in this sector.

Keywords slaughterhouse, Upton Sinclair, Bertolt Brecht

Introdução

Há tempo pesquisadores e movimentos sociais vêm insistindo nas características aparentemente contraditórias da agroindústria no Brasil. Elogiada pelo discurso oficial e patronal devido ao desempenho econômico, seu funcionamento vê-se dependente da exploração de trabalho barato. No caso específico dos frigoríficos de aves um sem-número de estudos mostra porque os trabalhadores rejeitam este tipo de ocupação, destacando a intensidade da realização do trabalho, a repetição e monotonia das tarefas, os baixos salários e o risco (quase sempre confirmado) de desenvolver alguma doença irreversível.¹

Este “custo” humano tem sido sistemática e deliberadamente negado e ocultado pelas empresas do setor, mais preocupadas com o “custo Brasil” referido ao preço da força de trabalho. Mas da perspectiva dos trabalhadores a agroindústria (particularmente a produção de etanol e de carne de frango) geralmente é vista como símbolo de relações de trabalho degradadas e de doenças laborais, e esta não é uma situação hiperbólica e nem passageira. O trabalho barato é um traço estrutural na agroindústria, o “fator” que lhe confere vantagem na competição internacional.

De acordo com a Previdência Social e o Ministério Público do Trabalho nenhuma ocupação fere tanto quanto o corte da cana e da carne. Dentre os 750 mil trabalhadores em frigoríficos, 150 mil sofrem de algum distúrbio osteomuscular, isto é, 20% deles trabalham com dor e tendem a se lesionar definitivamente.² Mas estas são estatísticas oficiais, que quantificam o sofrimento e o destrato apenas quando os trabalhadores superam o medo da demissão e denunciam o que lhes acontece.

Quando se olha para este tipo de trabalho posicionado em escala histórica vê-se que a “modernização do campo” fez-se articulada a arcaicas

1 BOSI, Antonio. Um ensaio sobre industrialização, desenvolvimento econômico e trabalho degradado no Oeste do Paraná. In: *Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente*. Cascavel: Edunioeste, 2011, p.79-118.

2 QUEIROZ, Guilherme. Abate à vista: Ministério Público aperta a fiscalização contra os maiores frigoríficos brasileiros por desrespeito às leis trabalhistas. *Isto é Economia*, São Paulo, ed.749, 2012. Disponível em: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/77883_ABATE+A+VISTA>. Acesso em: 12 abr. 2012.

relações de produção, intensificando a exploração do trabalho onde pôde. Talvez não tenhamos estudado tal equação em profundidade necessária, mas há números inquietantes sobre as modernas “lavouras arcaicas” brasileiras. Até a década de 1960 a produtividade média do trabalho de um cortador de cana era de 3 toneladas por jornada diária,³ algo parecido com a produtividade de trabalhadores escravos empregados em engenhos e nas plantações de cana-de-açúcar durante os séculos XVII, XVIII e XIX no Brasil. No início dos anos 1980, mantida a mesma técnica e tecnologia (golpe a facão), a produtividade subiu para aproximadas 5 toneladas por dia, aumentando para 8 toneladas já na virada dos 1980 para os 1990, para atingir cerca de 10 a 12 toneladas no final da primeira década do século XXI.⁴ Sem exageros estilísticos, este retrato histórico nos permite afirmar que hoje os cortadores de cana são mais explorados que os escravos do passado.

Comparar historicamente o trabalho nos frigoríficos de aves e nos matadouros mais antigos do Brasil evidencia tendência semelhante ao corte da cana. Os magarefes do tempo de D. Pedro II guardavam algum prestígio do ofício, mantendo uma denominação própria que designava o que faziam para viver, embora o trabalho em matadouros geralmente fosse realizado por escravos. No sul do país, onde inicialmente prosperou uma indústria de processamento de carne em escala durante o XIX, a charqueada, o trabalho também era executado por mão-de-obra escrava,⁵ dando lugar a açougueiros mais especializados quando se instalaram frigoríficos de origem estadunidense no começo do século XX. Saltando para o presente, e desconsiderando este longo hiato, trabalhar na linha de produção dos frigoríficos atualmente não exige formação profissional. Repetem-se os mesmos cortes durante toda a jornada trabalhada (com poucos intervalos para descanso), os salários dificilmente ultrapassam o valor do salário mínimo, e o lugar do trabalho é inóspito e ameaçador. Avaliando somente as lesões no punho “conseguidas” nos frigoríficos (a mais “popular” nesta ocupação) o excesso de risco é de 743%.⁶

Como disse antes, esta degradação do trabalhador no exercício do trabalho “aparentemente” contrasta com o dinamismo da agroindústria. Sublinho aparentemente porque tal tipo de trabalho é absolutamente necessário para o sucesso (lucratividade) do capital envolvido nesta indústria. A

3 DIEESE. Projeto de Cooperação Técnica BRA/IICA/03/005 – Participação Social. Elaboração da versão final do estudo sobre os acordos coletivos da categoria canavieira em São Paulo, Pernambuco e Goiás. 2006. Disponível em: <<http://www.jornadapelodesenvolvimento.com.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

4 José Roberto Novaes tem ressaltado este argumento colocando em questão a visão hegemônica do sucesso do setor sulcroatocoleiro. Cf. NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco J. C. *Trabalho e trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro*: os heróis do agronegócio brasileiro. São Carlos: Edufscar, 2007.

5 PESAVENTO, Sandra J. *República Velha gaúcha*: charqueadas, frigoríficos, criadores. Porto Alegre: Editora Movimento, 1980.

6 SAKAMOTO, Leonardo. *Carne osso*. Direção de Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros, roteiro e montagem de Caio Cavenchini, fotografia de Lucas Barreto, pesquisa de André Campos e Carlos Juliano Barros, Produção Executiva de Maurício Hashizume. São Paulo: Repórter Brasil, 2011. DVD, 65 min. color. som.

despeito disto, o setor patronal e o Estado (sem variações de governos ou de siglas partidárias) modulam e disseminam uma visão eufórica e triunfante sobre esta realidade, ressaltando o faturamento econômico como ganho de todos. Mas este não é um fato histórico e social relevante, senão por sua perversidade. O que merece nossa atenção diz respeito às vidas de centenas de milhares de homens e mulheres empregados nessas indústrias. Estes trabalhadores contam com escassas (ou inexistentes) rotas de fuga. Eles se machucam diariamente, lacerando o corpo tanto quanto seus desejos e sonhos de terem uma vida longa da qual não se arrependam. Este é o fato histórico e social determinado pela agroindústria brasileira que requer nossa atenção, análise, indignação e protesto.

Cabe esclarecer ainda que na construção da narrativa histórica utilizei entrevistas de trabalhadores de frigoríficos do Oeste paranaense produzidas no período de 2010 a 2012. A observação sobre o trabalho nesses frigoríficos e as trajetórias dos trabalhadores ajudou a problematizar o percurso da agroindústria à medida que os relatos não corroboravam o sucesso da indústria da carne. Neste estrito sentido adicionei dois trechos de entrevistas feitas com trabalhadoras. As entrevistadas guardam características comuns àqueles trabalhadores que sobreviveram uma década ou mais nos frigoríficos. Vieram do campo e sem qualificações para ocupações urbanas menos manuais. Jussara, casada e mãe de três filhos, trabalhou dez anos na linha de corte de frigorífico. Quando foi entrevistada em 2011, portava uma lesão adquirida por esforço repetitivo que aleijara um dos braços. Lourdes, mãe de três filhos, também trabalhou aproximadamente 10 anos na linha de corte de frigorífico. Concedeu a entrevista em 2012, quando estava afastada há um ano sob tratamento médico para lesão por esforço repetitivo e depressão. Sua filha foi quem explicou o que havia acontecido à mãe.

Nas páginas seguintes, conforme prometido no título do artigo, discuti este assunto a partir de duas chaves analíticas retiradas da literatura de Upton Sinclair e Bertolt Brecht com a expectativa de que as evidências e os argumentos apresentados ajudem a contrabalançar esta relação de forças em favor dos trabalhadores.

O passado

Frigoríficos que industrializam carne é uma obra norte-americana do final do século XIX. Os matadouros existiam desde o século XVIII, mas eram menores e públicos, com pouca divisão do trabalho e dirigidos principalmente por preocupações sanitárias. Já nos Estados Unidos combinou-se trabalho barato (especialmente imigrantes), rebanhos numerosos e uma logística ferroviária adequada que viabilizou a venda de enlatados e congelados para regiões distantes dos frigoríficos.

A carne enlatada e congelada ampliou o mercado já existente e criou novas zonas de consumo, principalmente no Oeste em expansão. A carne era produzida em escala por poucas empresas que logo tenderam a formar um cartel de modo a fixar suas taxas de lucro e asfixiar os açougueiros independentes. Na última década do século XIX os açougues que não sucumbiram se viram obrigados a comprar a carne dos frigoríficos. Na base de sustentação deste processo estavam milhares de trabalhadores ocupados e distribuídos numa linha de desmontagem de animais. O trabalho que antes era executado por açougueiros foi dividido e passou a ser realizado em etapas, o que permitiu a presença em grande número de trabalhadores sem ou com pouca qualificação, com remuneração bem inferior aos antigos açougueiros.

Este novo método de produção permitiu abater e destrichar o animal em poucos minutos e fabricar diversos produtos como a graxa, os embutidos e a própria carne que seria congelada. Tal método possibilitou ainda o agigantamento desta indústria, que saltou de 8.000 trabalhadores, em 1870, para 68.000 em 1900.⁷ Em 1925 esta força de trabalho foi estimada em 125 mil pessoas.⁸ Henry Ford testemunhou esta linha de desmontagem nos frigoríficos de Chicago e levou-a para sua fábrica de automóveis, instalando-a inicialmente na fabricação de magnetos, em sentido contrário, estruturando sua famosa linha de montagem.⁹ Portanto, a inspiração do fordismo nascera do esartejamento de animais nos matadouros de Chicago, de uma fábrica capaz de ordenar e engrenar o trabalho de centenas de homens e mulheres.

Os imensos currais à beira de matadouros como *Swift* e *Armour* eram abastecidos diariamente por pecuaristas. As cinco maiores empresas frigoríficas naquele período abatiam juntas aproximadamente 85% de todos os bois e porcos negociados nas principais cidades produtoras dos Estados Unidos. E por trás dos currais, em habitações improvisadas, moravam as famílias que movimentavam os frigoríficos, principalmente estrangeiros chegados da Europa.

Desde a década de 1870 a linha de desmontagem funcionava com o trabalho de muitos imigrantes tocados do velho mundo. Lá, o excedente de força de trabalho criado pelo capitalismo cruzou os mares para suprir a América, uma legião estrangeira formada de boêmios, irlandeses, lituanos, poloneses, russos, eslovenos, italianos, todos pobres e expropriados. Cerca de 2/3 dos trabalhadores ocupados nos frigoríficos era estrangeira

7 STULL, Donald D.; BROADWAY, Michael J. *Slaughterhouse blues: the meat and poultry industry in North America*. Belmont: Thomson/Wadsworth, 2004.

8 HOROWITZ, Roger. *"Negro and white unite and fight!": a social history of industrial unionism in meatpacking, 1930-1990*. Urbana: University of Illinois Press, 1997.

9 FORD, Henry. *Os princípios da prosperidade*. 2 ed. Tradução de Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1964.

e trabalhava em troca de salários mixurucas. Estima-se que 9 milhões de imigrantes entraram nos Estados Unidos naquele período. Além disso, no final da década de 1910, enquanto um nativo branco recebia entre 2,20 e 2,30 dólares por dia trabalhado, um trabalhador negro recebia no máximo 2,07 dólares, e os poloneses e lituanos não ultrapassavam 1,79 dólares.¹⁰

Os contratos de trabalho, muitas vezes informais, geralmente eram negociados pelos próprios trabalhadores mobilizados no local de trabalho. Nos anos 1910 e 1920, negros e imigrantes europeus com pouco ou nenhum domínio da língua constituíram um numeroso exército industrial de reserva que enchia os portões dos grandes abatedouros estadunidenses, sendo facilmente recrutados. Os seus antagonismos culturais e étnicos eram estimulados pelos empregadores como forma de manter os trabalhadores isolados e desorganizados, e assim chantageá-los com a perda do emprego. Desse modo, com tantos trabalhadores buscando serviço a produção *per capita* era negociada dia-a-dia favorecendo claramente os patrões.

Neste contexto específico, os trabalhadores, enfraquecidos politicamente, viam-se expostos a ritmos e condições de trabalho intoleráveis. Um trabalhador descreveu seu setor nos anos 1920 como um “inferno gelado”: “Se você trabalha no abate é mais quente do que o inferno, e se você trabalha nas câmaras é mais gelado do que o diabo”.¹¹ Outros se queixavam das freqüentes quedas devido ao gelo e à gordura. Tentava-se espantar o frio cobrindo-se com jornal por baixo das roupas, envolvendo as pernas com sacos de juta e vestindo casacos pesados sob os uniformes ou jalecos improvisados. O mau cheiro decorrente daquele trabalho nunca abandonava os trabalhadores. Um deles se lembrou que “Você podia lavar as mãos quatro vezes e você chegava em casa, sua mulher e filhos diziam: você não se lavou pai?”.¹²

Em apertada síntese, trabalhar nos frigoríficos de Chicago até pelo menos os anos 1920 significava estar nos baixos estratos do mercado de trabalho e numa situação de risco. Abater e esquartejar animais representava um serviço sujo e repugnante, marcado pelo odor das entranhas e do sangue que enchia todos os cômodos do frigorífico. Colorido de vermelho, aquele lugar era uma fonte de doenças que afetavam principalmente a pele e o sistema respiratório. Não bastasse isto, o manejo de facas afiadas, serrotes e pesadas carcaças de animais podia causar danos graves aos trabalhadores, situação que piorava bastante na ausência de seguro médico contra acidentes ou qualquer tipo de proteção.

10 BARRETT, James R. *Work and community in the jungle: Chicago's packinghouse workers, 1894-1922*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, 1990.

11 HOROWITZ, Roger. “*Negro and white unite and fight!*”, p.21.

12 HOROWITZ, Roger. “*Negro and White Unite and Fight!*”, p.22.

A luta contra estas condições esbarrava num fortíssimo cartel de frigoríficos, cujo poder e importância emparelhavam com o conhecido truste do petróleo naquele mesmo período. Os sindicatos de trabalhadores eram sovados sistematicamente e demoraram algum tempo até agregarem negros, brancos nativos e brancos de diversas etnias em torno de reivindicações por direitos sociais ligados ao trabalho. Naqueles tempos de Sacco e Vanzetti, os anarquistas italianos executados, a acumulação de capital nos Estados Unidos espelhou os métodos mais “avançados” de organização da produção e de extração da mais-valia, numa combinação de empresas gigantes e de trabalho barato conseguido por meio da imigração em massa, de repressão policial, de intensa propaganda ideológica e da propagação deliberada do medo.

Apesar da situação precária do trabalho na indústria da carne, a situação daqueles trabalhadores passou despercebida entre estudiosos e pesquisadores da realidade social norte-americana. A condição de milhares de trabalhadores dos frigoríficos não era exatamente invisível se considerarmos que a indústria da carne nasceu concentrada em grandes cidades como Chicago, Cincinnati, St. Louis e Kansas City. Mas o caso é que isto não mobilizou a atenção de sociólogos, antropólogos, cientistas políticos ou historiadores porque, em grande medida, estes intelectuais não enxergavam o trabalho como um problema histórico e social, importante de ser estudado e avaliado. Além dos sindicatos, dos socialistas e dos próprios trabalhadores a denúncia e a reflexão sobre o terror vivido nos frigoríficos couberam à sensibilidade literária de dois escritores engajados: Upton Sinclair e Bertolt Brecht.

Em 1904, Upton Sinclair era apenas um jornalista de inclinação socialista que foi pago para observar o que acontecia nos frigoríficos e redigir matérias para o semanário de esquerda *Appeal to Reason*. Sinclair chegou a trabalhar na linha de desmontagem de um matadouro e conheceu com profundidade a vida das famílias que lá trabalhavam. O material estudado por Sinclair rendeu-lhe o livro *The Jungle*, publicado em 1906.¹³ Lendo o livro pode-se conhecer a situação precária que envolvia milhares de trabalhadores empregados nos frigoríficos.

O impacto do livro foi estrondoso e imediato, o que levou o governo de Roosevelt a estabelecer uma comissão para investigar a situação dos trabalhadores nos frigoríficos e os padrões de higiene que horrorizaram os leitores. Tudo isso, ao seu tempo, ajudou as lutas dos trabalhadores que vinham pressionando seus patrões para melhorar os salários e reorganizar a linha de desmontagem de modo a desacelerar o ritmo do trabalho. Não à toa *The Jungle* tornou-se um forte símbolo da exploração sobre o trabalho e da ganância do capital. Mais que isso, as cenas e situações que Sinclair

13 SINCLAIR, Upton. *The jungle*. Harmondsworth: Penguin Modern Classics, 1965.

introduziu no livro indagaram o leitor sobre até que ponto o homem poderia se degradar no capitalismo. Esta continua sendo uma poderosa chave analítica para avaliar o tempo presente.

Duas décadas depois de *The Jungle*, Bertolt Brecht publicou a peça “Santa Joana dos Matadouros”,¹⁴ retomando a desgraçada vida dos trabalhadores empregados nos frigoríficos de Chicago. A trama acontece em tempo presente, durante a crise econômica e social iniciada com a quebra da bolsa em 1929. Esta teria sido uma crise de superprodução que explicitara a contradição de um sistema que produzia mais mercadorias do que consumidores. Joana Dark, líder de um grupo religioso de socorro e assistência aos trabalhadores miseráveis, é a personagem central, ingênua no começo da história, em busca de uma solução que compusesse patrões e empregados. Ao fracasso de sua empreitada segue-se uma morte que a transforma em mártir.

Contracenando com Joana aparecem, principalmente, os donos dos frigoríficos, os especuladores, os corretores da venda de bois e de carne enlatada e os pecuaristas. Estes representantes das classes dominantes têm seus interesses e desejos devassados por Brecht. Vivenciam o medo de perderem suas fortunas em meio à crise. Seu desespero expressa a existência e o funcionamento de um sistema econômico, de uma economia política que, além de perpetuar a desigualdade social, de tempos em tempos depura o número de capitalistas e de empresas no mundo. Estes dois últimos traços são realçados por Brecht e é deles que retiramos outra chave analítica: o processo de acumulação de capital na indústria da carne. Começemos por aqui.

Hoje e ontem

Criadores de gado, corretores, donos de frigoríficos e especuladores da bolsa dão vida à crise de 1929 no enredo de Brecht. São estes também os que formam a cadeia produtiva da carne estruturada no final do século XIX nos Estados Unidos. Esta cadeia tornara-se cada vez mais monopólica e oligopólica, pois controlava os mercados da venda de carne e os mercados de compra de gado e de porco. Na visão de Brecht, tal cadeia era expressão do imperialismo, pois concentrava a força de trabalho e os meios de produção na mesma velocidade em que multiplicava o volume de carne abatida e processada, pavimentando o caminho para uma crise de superprodução.

Brecht buscou destacar este aspecto do capitalismo, além, é claro, do intrincado mundo dos trabalhadores onde estavam imersas a exploração sobre o trabalho, as tentativas de cooptação da burguesia, a resistência operária e as diversas e conflitantes leituras de conjuntura por parte da

14 BRECHT, Bertolt. *A Santa Joana dos matadouros*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

classe trabalhadora. Sobre isto, a principal inspiração de Brecht parece ter vindo de Marx, para quem a importância e grandeza da classe trabalhadora aumentariam relativamente à concentração e ao agigantamento do capital. De qualquer modo, para Brecht a monopolização do capital era uma tendência dominante que havia se desdobrado numa crise monumental no final dos anos 1920. A atmosfera dos matadouros de Chicago tornou-se o palco perfeito para encenar aquele cataclismo porque no lugar onde tombavam milhares de bois restaram trabalhadores desempregados e desorientados como o gado que era tocado entre os currais. O recado era claro: no capitalismo não há futuro para a humanidade. As vidas de milhões de homens e mulheres eram decididas pelos interesses de grandes empresas articuladas a enormes cadeias produtivas.

Aquilo não era exatamente uma novidade. Lenin havia afirmado anos atrás que o desenvolvimento do capitalismo na virada no século XIX para o XX constituiria monopólios e oligopólios sobre ramos produtivos inteiros, subordinando tudo que estivesse à sua volta.¹⁵ Tal desenvolvimento integrava etapas anteriores e intermediárias da produção sob uma mesma articulação, os denominados trustes. Lenin argumentou ainda que a tendência do capitalismo seria a de expandir suas fronteiras apoiado no capital financeiro para explorar trabalho barato no exterior e invadir mercados estrangeiros de países menos desenvolvidos.

Avançando no tempo, no caso da cadeia produtiva avícola estruturada por volta dos anos 1950, estabeleceu-se o oligopólio no desenvolvimento de sementes (base das rações para aves), agroquímicos (biológicos, antimicrobianos, endectocidas etc.) e matrizes animais (melhoramento genético), por exemplo. Tais empresas têm amplo espectro e uma capilaridade mundial, como a Cargill (cuja sede está em Minneapolis, Minnesota), que tem elevada participação no mercado mundial de nutrição animal e opera a partir de mais de 800 escritórios em 49 países, empregando diretamente cerca de 55.000 trabalhadores.¹⁶

Tecnologias em posse de empresas da Cargill possibilitaram engordar mais rapidamente o frango com uma quantidade menor de ração. Se em 1940 um frango podia ser abatido com 3 meses de engorda, pesando em média 1,5 kg, 60 anos depois o tempo de maturação desta ave diminuiu para 45 dias, alcançando um peso de 2,5 kg. Já empresas como as alemãs Basf e Bayer, e a estadunidense Pfizer, dominam o mercado de produtos veterinários e diminuem a taxa de mortalidade de frangos criados aos milhares em compactos aviários. De maneira semelhante, a estadunidense

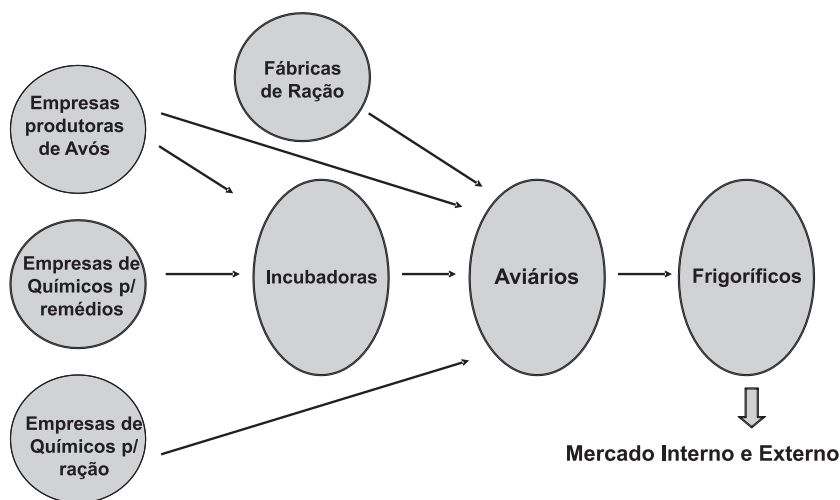
15 LENIN, W. I. U. O Imperialismo, fase superior do Capitalismo. In: *Obras escolhidas*. v.1, São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979.

16 HEFFERNAN, William D.; CONSTANCE, Douglas H. Transnational corporations and the globalization of the food system. In: BONANNO, Alessandro et al. *From Columbus to ConAgra: the globalization of agriculture and food*. Lawrence/Kansas: University Press of Kansas, 1994, p.29-51.

Cobb-Vantress controla o melhoramento genético e a produção das matrizes vendidas para empresas que atuam na criação de frangos para abate.¹⁷

O controle das chaves genéticas das aves que abastecem os aviários é paradigmático do sentido oligopólico que necessariamente adquire toda a cadeia de carne industrializada. Em síntese, grupos multinacionais como Tyson e Rhodia comandam o desenvolvimento genético de linhagens puras que dão origem aos frangos de corte. Meio século de pesquisa científica orientada pelo capital definiu a ave matriz macho para o ganho de peso e alto rendimento de carne, e a ave matriz fêmea com características para a reprodução. Cada matriz tem vida produtiva estimada em 68 semanas, período em que nascem os pintos que se tornarão frangos de corte. Mas se forem submetidas a cruzamentos com a finalidade de gerarem outras matrizes o resultado é pífio porque os códigos genéticos originais não podem ser replicados por aves híbridas. Não há caminho de volta para a ave de linhagem pura. Coroa este processo a oligopolização do mercado. Se na década de 1990 cerca de quinze empresas atuavam no melhoramento genético de aves de corte, atualmente apenas três empresas dominam este negócio: Aviagen (Alemanha), Cobb-Vantress (EUA) e Hubbard (França). Dentre estas três, as duas primeiras detêm aproximadamente 80% deste mercado.¹⁸ O desenho seguinte ilustra esta cadeia.

Cadeia Avícola



17 SANTINI, Giuliana A. *Dinâmica tecnológica da cadeia de frangos de corte no Brasil: análise dos segmentos de insumos e processamento*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2006 (Engenharia de Produção, Tese de doutorado).

18 MARTINELLI, Orlando. Estudio Sectorial. Sector Cárnico de Brasil. Setor de Carnes no Brasil. In: *Proyecto: Políticas regionales de Innovación en el Mercosul: obstáculos y oportunidades*. Informe Final. Montevideo, 2010. Disponível em: <<http://idl-bnc.idrc.ca/dspace/bitstream/10625/45328/1/131794.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2011.

No controle desta cadeia estão as empresas que dominam e manejam a tecnologia da produção desta mercadoria. Em regra precisam investir recursos financeiros em pesquisa e desenvolvimento para aperfeiçoamento de seus produtos ou apropriação de qualquer iniciativa exitosa a fim de patenteá-la. Uma vez estabelecido o portfólio de suas mercadorias, tais oligopólios determinam o preço que os frigoríficos e aviários pagarão para utilizar esta tecnologia. Portanto, a cadeia de produção que processa a carne de frango (criação, abate e corte) depende das empresas multinacionais que detêm e comandam o *know-how* tecnológico utilizado nos aviários e nas linhas de desmontagem. Em resumo, os preços cobrados por esses produtos de alta densidade tecnológica evidenciam que um bom quinhão da mais-valia produzida nos aviários e nos frigoríficos escorre para essas multinacionais. É o trabalho nos frigoríficos que remunera as multinacionais controladoras dos segmentos de genética, medicamentos, nutrição e processamento (maquinários) das aves.

Por óbvio que a lógica desta cadeia produtiva é capitalista e exige a expansão constante do mercado de consumo. Acontece que na ponta desta cadeia, entre os frigoríficos, há muita concorrência, o que tornou comum diversos arranjos jurídicos e econômicos (aquisições, fusões, *holdings* etc.) que visam assegurar a permanência das empresas no mercado. Mas ao contrário de uma solução definitiva, tais acertos tendem a concentrar a produção de carne e a aumentar a produção sem que haja, necessariamente, um crescimento do consumo na mesma intensidade e velocidade. Esta dinâmica pressiona a taxa de lucro para baixo como forma de manter e aumentar os lucros, de modo a tentar diminuir todos os custos da produção, especialmente os salários. Isto deixou de ser um enigma desde que Marx o decifrou no século XIX, explicando que *o lucro aumenta à medida que o salário diminui, e vice-versa*. Todavia, mesmo esta constatação elementar é levada ao descrédito pelo capital sob outra “constatação”, repetida *ad nauseam*, de que não há alternativa ao capitalismo. Também por esta razão torna-se importante examinar como os trabalhadores se relacionam com o capitalismo em conjunturas determinadas historicamente.

Este ponto merece nossa atenção mais de perto. No contexto específico dos frigoríficos esta dimensão geral do capitalismo passa a ser vivida como política sistemática de rebaixamento de salários e de intensificação do trabalho. Contudo, embora o capital monopolista produza o desemprego, a remuneração insuficiente, o trabalho degradado, a carência social etc., como bem notou Brecht os trabalhadores esboçam um sentimento comum sobre este estado de coisas que não os coloca imediatamente em rota de colisão contra seus patrões. Na iminência do fechamento de frigoríficos, os trabalhadores de Brecht temem por seus empregos. Aceitarão condições de trabalho ainda piores, recebendo salários menores. É um tipo de pressão

quase indescritível, cujo entendimento decorre desta miserável experiência operária que recoloca noutros termos uma pergunta de Lenin: “Que Fazer?”.

É assim, moral e politicamente rebaixado, que um trabalhador vê-se impelido a negociar seu corpo e seus sentimentos. Brecht sublinha esta situação como uma tragédia. Em passagem representativa, ele narra o desespero de uma mulher a busca de seu marido desaparecido, um operário do frigorífico. Ele havia caído na caldeira de preparo do toucinho e morrido. Ao acusar o frigorífico pela morte do operário, Dona Luckerniddle, a esposa, ouve como versão oficial que “ele foi viajar para São Francisco”. Insatisfeita e sem recursos para sobreviver, ela insiste em ter notícias do marido e continua a acusar o frigorífico. Vem uma resposta: “é muito desagradável para a fábrica a senhora ficar aí dizendo bobagens. Nós vamos fazer uma proposta à senhora, uma proposta a que por lei nós não somos obrigados. A senhora para de procurar o seu marido, e almoça de graça em nossa cantina durante três semanas”.¹⁹ Dois dias depois, ainda mais faminta e desesperada, Dona Luckerniddle cede e aceita a proposta do frigorífico sob os protestos (que soam patéticos) de Joana, militante ingênua, que argumenta: “Se a senhora desistir, ninguém vai procurar seu marido. (...) Não coma”. Dona Luckerniddle arranca o prato das mãos de Joana e antes de devorá-lo com avidez explica melancolicamente: “Ele viajou para São Francisco”. E dessa forma o crime e a exploração são encobertos ou “negociados”.

Para Brecht a pressão econômica capitalista desarranja vidas, rouba empregos e truca pessoas, corrompendo as escoras morais e afetivas do mundo dos trabalhadores. Esta atmosfera social faz com que a alienação seja premeditada, uma estratégia para sobreviver. Ao aparecer como resposta do trabalhador (encenada por Dona Luckerniddle), a alienação é também uma solução prevista pelo capital, um recurso que desumaniza os trabalhadores e lhes retira (ou esmaece) o repertório moral que poderia formatar ação e programa políticos contrários àquele fato social e histórico. Para testar a alternativa que manteria Dona Luckerniddle lutando pelo aparecimento de seu marido, Brecht faz com que Joana a confronte e suplique para que não desista daquela causa. Mas a mensagem de Brecht é clara. Na trama de *Santa Joana dos Matadouros*, o apoio oferecido por Joana, visto como uma solidariedade pontual, não é suficiente para encorajar as dezenas de milhões de Dona Luckerniddle esparramadas no mundo. Como avaliou Raymond Williams a respeito destas reflexões de Brecht, “o sofrimento humano é uma piada de mau gosto”,²⁰ o que significa também reconhecer, em contextos históricos como este, que não há reserva moral que resista solitariamente a tamanha miséria.

19 BRECHT, Bertolt. *A Santa Joana dos matadouros*, p.59.

20 WILLIAMS, Raymond. *Tragédia humana: cinema, teatro e modernidade*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p.252.

De modo semelhante, se são as pressões econômicas do capitalismo na atualidade que emparedam os trabalhadores, exigindo-lhes alguma reação, Brecht diz que elas também podem enfraquecer a capacidade e disposição de rebeldia dos trabalhadores, cooptando-os, sabotando sua afetividade, minando seus princípios morais. Todavia, este vigoroso retrato da vida humana sob o capitalismo industrial monopolizado não é um traço descomedido em *Santa Joana dos Matadouros*. É um fato histórico reencenado continuamente na luta de classes, sem desfecho definitivo. A cada final de drama, Brecht insiste em dizer que não existe saída sem uma reação organizada, o que implica dizer que não há redenção individual sem a transformação da sociedade.

Por tudo isso, *Santa Joana dos Matadouros* nos leva a pensar a cadeia avícola neste enquadramento, mais político que teórico. A sobrevivência da indústria da carne depende visceralmente de trabalho barato e superexplorado, e isto significa, para Brecht, interpretar qualquer mudança que não seja radical como insuficiente. Resolver esta contradição em favor dos trabalhadores pressuporia dissolver o próprio capitalismo, um desafio gigantesco, utópico, mas real e necessário. No final da peça é o que parece concluir Joana quando, antes de morrer e ser canonizada, esboça uma autocrítica de sua trajetória militante:

E quanto aos que mandam elevar o espírito acima do charco
Mas não o corpo, também lhes deviam bater
A cabeça na calçada. Porque
Só a força resolve onde impera a força
E onde há humanos só os humanos resolvem.²¹

Como se trata de uma história vivida – do tempo presente –, a conclusão é um horizonte aberto. Em plena crise capitalista no início dos anos 1930, Brecht mostra como os burgueses (industriais e financistas) dos matadouros de Chicago retornaram às velhas práticas à medida que determinada quantidade de forças produtivas (trabalhadores e meios de produção) foram destruídas de modo a restabelecer a acumulação de capital. O choro e as declarações perigosas da burguesia, mais que um recurso retórico e estético, funcionaram como uma advertência (quase sem réplicas) sobre os fins dos tempos: fora do capitalismo não há vida. Antes em greve, os trabalhadores agora imploravam por emprego. Ao sentir-se parte do sistema o trabalhador consentiria em ter os custos de tal crise transferidos para si.

Neste ponto Literatura e História se misturam, mas quem fala agora é Trotsky, no “Programa de Transição”, avaliando a crise capitalista dos

21 BRECHT, Bertolt. *A Santa Joana dos matadouros*, p.189. O próprio Bertolt Brecht destacou esta passagem como emblemática na peça.

anos 1930 e sintetizando o que parecia óbvio: só haveria recuperação e manutenção das taxas de lucro com o aumento da exploração do trabalho e diminuição dos salários.²² Dois olhares, uma perspectiva comum. Para Brecht, estaríamos entre a Joana (em seus últimos suspiros) e Dona Lu ckerniddle (trocando o marido pela sopa). Para Trotsky, seria o socialismo ou a barbárie.

Trabalho degradado, almas devastadas

Ninguém antes de Sinclair descreveu ou narrou o cotidiano vivido em torno dos frigoríficos de Chicago com tamanha riqueza de detalhes e mostrando como naquele lugar a condição proletária se tornava marginal e miserável. Foi esta sensibilidade que conseguiu digerir a tragédia do trabalho nos frigoríficos reencenada cotidianamente para contá-la em literatura, mobilizando a atenção de milhares de pessoas. Este aspecto realçado por Sinclair forma uma de nossas chaves analíticas.

A narrativa de *The Jungle*, publicado em 1904, gira em torno de um trabalhador lituano, recém-chegado a Chicago, com enormes esperanças de “fazer” a vida por meio de seu trabalho. Mas nada dá certo para Jurgis e sua família. Ele se casa, se endivida para comprar um casebre e um ano depois nasce seu filho. Em seguida seu pai falece após adoecer devido ao trabalho em cômodos gelados e úmidos no frigorífico. Na sequência, Jurgis lesiona o tornozelo ao escorregar em meio ao chão encharcado de sangue e gordura no matadouro. Machucado, ele perde o emprego e não consegue outra ocupação. Em meio à diminuição da renda familiar, sua esposa cede ao assédio de seu chefe no frigorífico e se prostitui. Este ato desesperado a engravida, e ela não consegue esconder de Jurgis. Revoltado e humilhado Jurgis vai preso por agredir o chefe de sua esposa. Ao ser solto, vê sua mulher falecer durante o parto. Esta sequência de eventos bizarros – mas comuns aos trabalhadores ambientados em *The Jungle* – culmina com a morte de seu único filho, ainda bebê, que cai numa poça d’água suja e se afoga fatalmente. Desnorteadado nesta trajetória e incapaz de compreender a razão de tanta desgraça, Jurgis se junta a militantes socialistas e encontra algum conforto na crítica ao capitalismo.

Para compor esta tragédia proletária é provável que Upton Sinclair tenha soldado episódios acontecidos com diferentes trabalhadores. É uma forma bastante dialética de falar do universo operário. Todos foram atrás do sonho americano, que se realizou para poucos. Muitos tiveram sua

22 TROTSKY, Leon. *The Transitional Program*. The Death Agony of Capitalism and the Tasks of the Fourth International: The Mobilization of the Masses around Transitional Demands to Prepare the Conquest of Power, 1938. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/trotsky/1938/tp/transprogram.pdf>>. Acesso em 7 Nov. 2009.

saúde avariada pelo trabalho pesado, inadequado e incessante. A pobreza e a demência social eram uma característica coletiva, bastante visível nos bairros improvisados detrás dos currais. Repertórios desesperados como a prostituição não eram incomuns. Tudo isto formava e marcava a experiência daqueles trabalhadores. Enfim, nos anos referidos e testemunhados por Sinclair o frigorífico foi palco de uma tragédia proletária de onde ele enviou uma mensagem direta: aquele tipo de trabalho destrói.

Nesta tragédia capitalista Sinclair enxergara uma rota de fuga. Enquanto os pares de Jurgis vão se desfazendo física e moralmente, a militância socialista é mostrada como uma zona de segurança onde é possível refazer os valores, interpretar as desgraças pessoais como sendo coletivas e planejar um contra-ataque eminentemente redentor. Pensada como uma nova experiência para Jurgis, a sociabilidade socialista paralisou seus sentimentos de impotência e encaminhou uma solução para os conflitos vividos até então à medida que as humilhações sofridas passaram a ser explicadas socialmente como desdobramentos inevitáveis do capitalismo. Nem a pobreza, nem a morte do filho, nem a prostituição da esposa seriam mais vistos como erros ou infortúnios de Jurgis. Assim, a pesada carga emocional de perdas acumuladas fora convertida em dramas políticos passíveis de serem assimilados.

Num enfoque psicanalítico (e freudiano), podemos pensar o drama de Jurgis em termos de um conjunto monstruoso de frustrações que lhe causaram sofrimento, dor e raiva numa escala supostamente interminável. A interrupção deste sentimento veio com a perspectiva socialista, capaz de explicar as fatalidades vividas por Jurgis e reorientar sua vida para um combate incessante ao capitalismo. *Da frustração à raiva, e da raiva à vingança.*

Mas esta não foi a leitura habitualmente feita pelos trabalhadores à época de Sinclair. Na primeira década do século passado a organização sindical norte-americana ainda não tinha força suficiente para efetivar acordos coletivos que contivessem a velocidade do trabalho e garantissem salários descentes e direitos sociais elementares tais como aposentadoria. Ameaçados pelos patrões e um tanto desconfiados de sindicatos e partidos de esquerda, os trabalhadores se refugiavam em suas próprias comunidades e redes de solidariedade à busca de sobrevivência naquele país.²³ Em sua maioria os trabalhadores dos frigoríficos não se tornaram socialistas, o que significa supor que suas frustrações e raivas não foram interpretadas como um evento coletivo.

O universo político e social dos que trabalham nos frigoríficos de aves no Brasil tem alguns paralelos com os tempos de Sinclair. Dois deles são o risco iminente de adoecimento nas plantas produtivas e a falta de sin-

23 BARRETT, James R. *Work and community in the jungle*.

dicatos fortes e atuantes. Este tipo de atmosfera favorece uma cultura de maior tolerância, de pouca ou nenhuma resistência política, que tende a naturalizar a degradação física e mental como um efeito colateral do trabalho. Quando isto acontece, o local do trabalho deixa de ser apenas um lugar onde se ganha a vida e se torna um lugar onde se coloca em risco a integridade humana, paradoxo inusitado que assusta muitos trabalhadores. Entre os trabalhadores ocupados nos frigoríficos de aves no Brasil há sinais explícitos desta experiência, embora o desfecho não siga necessariamente pelo mesmo rumo percorrido por Jurgis. Vejamos dois casos emblemáticos de perto.

Jussara trabalhou durante 10 anos em frigorífico de aves no Paraná. Mãe de três filhos e com contas para pagar, suportou as dores no braço começadas com três anos seguidos na linha de corte. Logo se viu numa rotina de antiinflamatórios e analgésicos, mas disse nunca ter faltado ao trabalho, receosa de ser demitida. A partir de oito anos naquele trabalho Jussara manifestou dores intoleráveis. Encaminhada ao médico recebeu receitas de mais antiinflamatórios e analgésicos, sem diagnóstico para as dores. Foi apenas quando não conseguiu manusear a faca que Jussara decidiu, por conta própria, realizar exames de imagem da parte dolorida. Descobriu que seu braço estava irremediavelmente atrofiado, inutilizado para qualquer tipo de trabalho. Iniciava ali uma batalha judicial para conseguir alguma reparação da empresa. Jussara tinha apenas 38 anos.

Além da dramaticidade da situação, interessa saber como Jussara entendeu e conduziu tudo o que aconteceu com ela. Sua insistência em trabalhar sob intensa dor deveu-se a necessidade de manter a família, a certo sentimento ético de obrigação e à expectativa de segurança relativamente à empresa. Nenhuma das duas últimas cláusulas fazia parte do contrato de trabalho assinado com o frigorífico. Elas compunham o universo cultural de Jussara que havia crescido na roça onde os compromissos assumidos não podiam ser rompidos facilmente, onde a relação de trabalho era paternalista de modo a se acreditar que o patrão devia algum tipo de proteção ao empregado. Este código – bastante deslocado – somou-se à responsabilidade de sustentar dois filhos pequenos e de quitar a casa comprada logo após o casamento. Amarrada por esses laços e sem alternativa de outro emprego ela reforçou progressivamente a imagem de que “eles fariam algo por mim se fosse preciso”, o que não aconteceu. Neste contexto, o fim do contrato foi percebido como abandono, embora a culpa tenha sido assumida para si. Este último aspecto provocou consequências importantes que precisam ser analisadas.

Esta sensibilidade parece ignorar o quão distintos são os interesses do capital em relação aos dos trabalhadores. Todas as vezes que foi perguntada sobre este assunto, Jussara argumentou que não passara por sua cabeça este desfecho trágico. Numa síntese final ela lamentou: “o que eu fiz da

minha vida?”. Se a frustração de Jurgis transformou-se em raiva e depois em vingança, no caso de Jussara a frustração levou à raiva para se converter novamente em frustração. Ajuda a explicar este processo a naturalização da doença e do desastre no trabalho. Roniwalter Jatobá destacou este traço numa crônica ambientada no universo operário do ABC paulista do início dos anos 1970, ao discutir o acidente de trabalho como catástrofe pessoal. Ali a responsabilidade do capital também foi ignorada.

E foi passando na cabeça o meu choro, o sangue melando a máquina, o azul dela, fui sentindo vergonha, não me veio um tico de nada de ódio da prensa, da prensa que me deixou com tocos de dedos, um homem aleijado, inutilizado como dizem por aí, não, não senti raiva cega da máquina, só da minha fraqueza, do meu medo, do descuido, do choro, essa mão, agora, pois vê, pesada e quieta como se não parecesse minha.²⁴

Roniwalter se refere aos trabalhadores que foram para São Paulo num quase êxodo de Minas Gerais e do Nordeste, despreparados para o trabalho industrial e sempre com uma pressa afetiva de retornar ao lar. Natanael, o protagonista no conto, se encantara com a prensa manipulada por um velho operário que num só dia perdeu o dedo e o emprego. Natanael herdou a prensa sem saber direito como se trabalhava nela, e em menos de uma semana teve a mão decepada no mesmo lugar onde o velho operário perdera o dedo e o emprego. Naquela situação ele se preocupou unicamente em voltar à casa dos pais. Encontrava-se distante do sindicato e não havia constituído ou se aproximado de nenhuma rede de sociabilidade onde pudesse se apoiar. Sentia-se “um homem aleijado” e só conseguia se culpar por isto.

Natanael percebeu-se frustrado, principalmente, porque a falta da mão desfigurava sua identidade de trabalhador manual. Ia-se embora o sonho – partilhado entre muitos de seus pares – de mudar a sorte e espantar a pobreza. Também evaporou a expectativa de se tornar um operário qualificado, ligado àquela prensa que tanta admiração lhe causava. Trabalhar na prensa significava ascender na hierarquia proletária. Ele chegou a acreditar que a força e a velocidade da prensa seriam características suas. Um pequeno e milimétrico erro de sincronia em orientar e acompanhar o movimento daquela prensa desfez brutalmente sua impressão. Por tudo isto, sua frustração desaguou em raiva de si mesmo, sem qualquer potencial para exigir ou propor uma vingança contra o capital.

Este caminho geralmente termina na prostração ou resignação. Lourdes, talvez mais que Jussara, represente um caso limite da degradação vivida nos frigoríficos. Ela trabalhou mais que uma década na desossa do frango,

24 JATOBÁ, Roniwalter. A mão esquerda. In: *Crônicas da vida operária*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979, p.19.

dividindo o tempo do trabalho com uma rotina doméstica que incluía cuidar de três filhos, preparar o almoço para o marido, limpar a casa e lavar a roupa de toda a família. Sua experiência anterior consistia em lidar com o roçado e foi de lá que trouxe uma ética ascética do trabalho semelhante a de Jussara. Machucou-se no frigorífico devido à repetição dos movimentos, e perdeu a força nos dois braços. Tão grave quanto isso foi a depressão que tomou conta de seu espírito. No último ano em que trabalhou no frigorífico, Lourdes dormia menos que 5 horas. Acordava de madrugada para o trabalho, voltava pra casa em tempo de preparar o almoço e depois limpar a casa e lavar a roupa da família. Quando terminava, já no final da tarde, se organizava para uma jornada escolar que se estendia até as 23 horas, uma exigência da empresa para conquistar o selo de qualidade total.

Quando conversei com ela e a filha, no final de 2012, Lourdes tinha 45 anos e estava afastada do frigorífico havia 1 ano sob tratamento médico. Os filhos a incentivaram a processar a empresa para conseguir uma indenização e a aposentadoria por invalidez. Seu olhar distante durante a entrevista expressava desalento com a vida e com uma escolha errada, embora inevitável à época. Sua história assemelhava-se a de muitos trabalhadores ocupados naquele frigorífico. Eles também adoeceram, mas nem todos desistiram de seguir em frente.

Havia diversos sinais desta desistência, porém nenhum era tão claro quanto o ato da fala na entrevista. Lourdes nos contou sobre as relações de trabalho no frigorífico, a velocidade da linha de produção, os conflitos com a gerência, a frequência dos acidentes, a rotatividade, a opressão, enfim, diferentes dimensões da rotina vivida na linha de corte do frango. Todavia, era sempre a filha quem a ajudava a recordar tais situações. Quando pedi à Lourdes que falasse sobre os primeiros tempos no frigorífico foi sua filha quem nos respondeu, fazendo mais que aguçar a memória da *mãe* e da *trabalhadora*:

Filha: A minha mãe tinha nós, três filhos pequenos, e meu pai, então ela chegava em casa nove horas da manhã e ela lavava roupa, eu era novinha eu não tinha como ajudar, não sabia lavar roupa, eu tinha dez, onze, dois mil e quatro eu tinha doze anos, não sabia lavar. E ela não dormia então. Aí ela fazia almoço, almoçava e depois ela ia dormir. Então ela dormia uma e meia da tarde. Cinco e meia da tarde ela levantava, porque ela tinha que tomar banho, se arrumar, porque seis horas ela tinha aula.

Olhando somente para Lourdes percebe-se que a frustração destilou-se em raiva para, em seguida, tornar-se resignação. Não fosse a família, principalmente sua filha, esta espécie de renúncia da mãe teria se consumado. A filha insistiu em recuperar a mãe por inteiro. Quando recorda a rotina de trabalho e de vida cumprida por Lourdes, a filha revive seus últimos anos da infância, quando não tinha recursos físicos ou emocionais para tentar

evitar aquela tragédia. Hoje, depois de presenciar o esgotamento de sua mãe, a filha vê-se como testemunha deste processo e se esforça para desnaturalizá-lo, responsabilizando a empresa pelo estrago causado em toda a família.

Na cidade onde funciona o frigorífico em que Lourdes trabalhou vive-se um clima de apreensão porque a empresa acumula dívidas com fornecedores e trabalhadores. Fala-se em concordata e falência. Os avicultores e transportadores da região organizaram uma passeata no final de 2012 para protestarem contra o calote do frigorífico. Conseguiram a adesão de muitos trabalhadores sem, contudo, receberem as dívidas. Porém, não foi uma manifestação pelo fechamento da empresa.

Embora seja difícil encontrar alguém naquela cidade que desconheça os riscos de se machucar na linha de produção do frigorífico, os trabalhadores desejam que seus empregos sejam mantidos. São 2 mil postos de trabalho numa cidade com 9.300 habitantes. Não há muito o quê fazer fora do frigorífico e quase todos sabem disso. É uma situação semelhante àquela vivida pelos trabalhadores de Brecht, em *Santa Joana dos Matadouros*. Enquanto eles ameaçavam paralisar as atividades reclamando uma série de pendências trabalhistas os frigoríficos fecharam temporariamente seus portões em função da crise. Aterrorizados, os trabalhadores imploraram por seus empregos e esqueceram por algum tempo os parcos salários e as precárias condições de trabalho contra os quais se insurgiram durante aquele ano de 1929.

Sobre isto, pode-se dizer que Brecht esclarece que esta é uma equação perversa sem qualquer resolução razoável por meio de resistências dispersas. Pode-se dizer igualmente que ele estava convicto disto e que o fato de não ter encontrado evidências de que tal padrão histórico de resistência tivesse liquidado o capitalismo em qualquer lugar reforçava sua avaliação política. De outro modo, vimos que para Lourdes, Jussara e Natanael a frustração reside num fato dado como isolado e vivido individualmente. Mas não é. Milhares de mãos são decepadas por ano. Milhões de trabalhadores adoecem porque trabalham demais. A experiência do desemprego – ou do medo do desemprego – tornou-se corriqueira, e alguns de seus “efeitos colaterais” tendem a diminuir a coragem e a solidariedade (recebidos e oferecidos sem dissimulações). E é este tipo de sensibilidade ligada ao medo, ao sofrimento e à desesperança que caracteriza esta nossa tragédia inaugurada pelo capitalismo e que atravessa e marca a vida de seguidas gerações de trabalhadores. Vejamos o que se pode concluir nesta direção.

Últimas considerações e uma polêmica

Uma conclusão possível após avaliar essas situações é que por mais individual que o drama operário seja visto ele nunca é isolado e solitário. As

consequências quase sempre afetam os familiares e isto torna este tipo de coisa que acontece com pessoas como Lourdes um fato histórico e social de dimensão importante, apesar de toda a propaganda oficial sobre o sucesso da agroindústria saturar o nosso cotidiano. Podemos enxergar esta tragédia em números – como fiz no início deste artigo –, mas a estatística negligencia o que os pequenos detalhes nos contam sobre a dor de ser um trabalhador no frigorífico. Como nos disse a filha de Lourdes, “o afeto da minha mãe desapareceu”. Este é um sentimento que quase sempre escapa às nossas lentes científicas. Por esta razão talvez não se tenha prestado atenção ao drama vivido durante o trabalho e depois, quando se está sem ele. Erros miúdos cometidos no processo de produção podem marcar toda a vida. Pode ser um descuido no manuseio da ferramenta ou uma displicência intelectual que não submete constantemente as visões de mundo ao exame da realidade cotidiana. Jussara, Natanael e Lourdes padeceram destes dois erros.

Neste contexto não enxergo vantagens em soerguer práticas de resistência individuais bastante dispersas em detrimento de organizações sindicais sob o controle dos trabalhadores. Pode ser que uma vertente da historiografia marxista engajada tenha, desde o final dos anos 1950, insistido demais em abandonar os espaços relacionados aos sindicatos e aos partidos em função de outros espaços amalgamados como modos de trabalhar, de viver e de lutar. Não duvido que esta posição tenha nos ajudado a conhecer melhor a classe trabalhadora em dimensões e escalas antes quase impossíveis. Mas muitos desdobramentos historiográficos se fizeram desinteressados pela política, ou contrários a ela, asseverando uma separação imprudente (epistemológica e socialmente inviável para os interesses da classe trabalhadora) entre *cultura* e *política*, entre modos de trabalhar e de viver de um lado, e modos de lutar de outro. Não pretendo simplificar este argumento, senão mencionar a polêmica e ressaltar como ele desqualifica a *classe* trabalhadora em função de um tipo de trabalhador, tomado como *indivíduo* que mapeia o universo em que vive a partir de seus valores culturais e faz escolhas orientadas por tais valores. Isto não é Marx; tampouco Edward Thompson. É Weber e seu aparato da teoria da ação racional gerada à luz da experiência histórica do homem liberal.

Saber então se o homem é bom ou mal por natureza é uma questão filosófica (muito antiga e bastante cristã) que está esgotada em sua virtude empírica (se é que teve alguma) porque não há como isto ser demonstrado. Portanto, tais características humanas – coragem e solidariedade – não nascem em horas escuras conforme difunde a ideologia liberal. Elas precisam ser cultivadas, politicamente cultivadas. Elas são o melhor do homem e não o seu pior. Penso que foi isso que nos disseram, na literatura e na história, os personagens e os sujeitos que tentei ouvir.

A questão (política e teórica) parece ser então a de retomarmos as experiências dos trabalhadores – no passado e no presente – e examinar a tragédia que tem patrocinado o descrédito na existência da classe e de seus métodos e práticas de luta: a destruição de máquinas, os clubes de leitura, as greves, a sabotagem no trabalho, o piquete e o partido. Upton Sinclair e Bertolt Brecht investiram inteligência e sensibilidade política para mostrar a leitores e expectadores o quanto estamos atolados no capitalismo, cada vez mais separados uns dos outros e que, embora soframos individualmente, esta tragédia é coletiva.

Novamente, sugerem que não há redenção individual sem a transformação da sociedade.

Assim, outra conclusão possível é que a resistência dispersa fracassa contra o capital monopolista. Confesso que isto não é apenas uma constatação empírica. Podemos investigar a fundo os modos de vida e de trabalho desses trabalhadores e encontrar inúmeras e diferentes formas, principalmente simbólicas, de resistir à dominação do capital. Contudo, não há indícios de que elas conseguiram dobrar o capital e desenvolver relações sociais anticapitalistas ou alternativas. Rendem artigos e teses, mas não ajudam quando celebram os limites e pressões vividos pelos trabalhadores como intransponíveis. Afinal, não deveríamos ultrapassar esses limites?

Na literatura como na história a solução para esta sociedade doente, reprimida e deprimida está em pensarmos sua superação e há quem sustente a natureza coletiva desta solução. Emile Zola sugeriu isto também em passagem discreta e pouco comentada de seu *Germinal*. Boa-morte, o velho mineiro doente devido aos anos de trabalho nas minas e ao carvão inspirado anos a fio, rejeita seu destino de uma morte certa e traduz a raiva desta frustração em vingança. Mas só o faz à beira da morte. Preso a uma cadeira de rodas Boa-morte enforca e mata Cécile, filha de um dos proprietários das minas de carvão, que visitara a casa da família do velho para fazer caridade. Aparentemente aturdido o narrador busca uma explicação:

Teve-se de acreditar num acesso repentino de demência, numa compulsão inexplicável de assassinio, diante daquele pescoço branco de donzela. Causou assombro tal selvageria num velho enfermo, que sempre vivera honradamente, como uma besta de carga, contrário às ideias novas. Que rancor ignorado dele mesmo o envenenara, subindo-lhe das entranhas à cabeça? O horror fez concluir pela inconsciência, era o crime de um mentecapto.²⁵

Podemos enxergar ambivalência neste ato. Certamente foi uma vingança radical do velho Boa-morte, mas sem consequências políticas e coletivas. Objetivamente matar uma burguesa significava matar “uma” burguesa. A

25 ZOLA, Emile. *Germinal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.501.

realidade dos mineiros sufocados pelos baixos salários e por péssimas condições de trabalho continuaria a mesma. Por outro lado, matar uma burguesa poderia ser uma mensagem de alguém que sempre estivera “contrário às idéias novas” (leia-se socialistas) e se decidiu, já bem perto da própria morte, mostrar o que viu e aprendeu com a vida, vivida sempre a partir de uma postura cordata. Neste caso, matar uma burguesa significaria “matar” a classe burguesa. Ainda assim poderia ser somente um ato de remissão.

De qualquer modo, a solução de Boa-morte era radical para um velho moribundo o qual nenhum discurso socialista alcançara até aquele momento. Estava ali também o estilo naturista de Zola que indagava: “que rancor ignorado dele mesmo o envenenara, subindo-lhe das entranhas à cabeça?”. Se o horror da cena induziu a imaginarem que o velho estivesse louco podemos pensar, ao contrário, que aquela morte foi seu primeiro ato político e consciente. Deixemos isto em aberto.

Dentro de certos limites, a trajetória de Boa-morte é a que mais se assemelha aos dramas de Natanael, Jussara e Lourdes. Nenhum discurso socialista tampouco os alcançou. Talvez tenham sido pressionados diversas vezes a se comportarem como Dona Luckerniddle, silenciando-se com embaraço e vergonha porque não enxergaram alternativa à sobrevivência dominada e controlada pelo capital. Politicamente gosto mais de Jurgis. Ele seria um paradigma alternativo, frequentemente surrado no universo patronal e um pouco menos no acadêmico. Mas paremos aqui, com alguma capacidade para avaliar os significados de diferentes e distantes gerações de trabalhadores ocupados em frigoríficos terem nos mostrado o quanto as coisas vão mal desde lá, do final do século XIX.